



EDITORIAL – DOSSIÊ COR

Esta edição da Revista Laika apresenta um tema que paulatinamente vem tomando dimensão nos estudos cinematográficos. Os artigos aqui apresentados fazem parte de um recente panorama de pesquisa, que desde os anos 2000 tem se firmado como uma linha teórica. Colóquios, conferências e publicações procuram problematizar a questão da cor nas imagens em movimento e cujos resultados podem ser constatados em estudos realizados em âmbito francês, anglo-saxão e também brasileiro. Por esse motivo, o dossiê sobre a cor no cinema e no audiovisual visa apresentar ao leitor não apenas alguns dos principais estudiosos sobre o tema, como também retificar o valor da pesquisa desenvolvida no Brasil. Desta forma e através da exposição de artigos de abordagens heterogêneas é que a cor no cinema se revela como um extenso campo de pesquisa, cujas capacidades estão distantes de serem cessadas.

O dossiê propõe um estudo multifacetado e de horizonte interdisciplinar. A cor nas imagens em movimento não tem uma natureza única, essa inconstância provavelmente caracteriza a riqueza do tema. Este material vem aos poucos sendo cada vez mais acessado na tentativa de mapear a produção contemporânea e expor estudos anteriores para integrar a cor na análise fílmica. Vista comumente como supérflua ou um elemento anódino da imagem, os artigos aqui apresentados reiteram o contrário: a necessidade de tomar a cor como elemento estético e tecnológico.

No Brasil, as publicações em língua portuguesa revelam um escasso material diante dos estudos que despontaram de quinze anos para cá. Sarah Street, da Universidade de Bristol, certamente é uma das pesquisadoras que tomou a cor como um problema a ser investigado. Street organizou uma conferência sobre a cor nas imagens em movimento¹, evento que congregou pesquisadores de diversas instituições de ensino. Sua linha de pesquisa faz a confluência entre história do audiovisual e teoria do cinema abordando a cor. No presente dossiê, Street

¹ “Colour and the moving image – History, theory, aesthetics, archive”, conferência ocorrida entre 10 e 12 de julho de 2009 na Universidade de Bristol (Bristol, Reino Unido).

apresenta um interessante tópico – a inserção do Technicolor na Grã-Bretanha – e os impactos da tecnologia norte-americana nos filmes realizados na ilha. A autora tem em vista a força do Technicolor como uma corporação integrada à indústria cinematográfica e como uma vigorosa determinante estética. Street reconhece na figura de Natalie Kalmus a centralização desse debate, pois Kalmus foi responsável por determinar regimes estéticos sobre a cor dentro e fora dos Estados Unidos. Desta forma, o artigo não apresenta apenas uma abordagem nacional, ela amplia a análise da insurgência do Technicolor como a grande e poderosa tecnologia da cor durante o período do cinema clássico.

Também da Grã-Bretanha vem o abrangente estudo de Richard Misek, “A cor digital”, capítulo que integra o livro *Chromatic cinema*. Misek debate sobre a tecnologia digital no cinema e expõe uma extensa lista de recentes filmes. O autor problematiza a questão da cor na passagem do cinema analógico para o cinema digital, situando-os nos regimes estéticos contemporâneos e da história do cinema. Para ele, a produção atual é marcada por um hibridismo da cor, em que não é mais necessária a afirmação do preto e branco em oposição às imagens ditas coloridas. No cinema digital, tais categorias são postas como comuns e cuja estética reside sobretudo em efeitos de pós-produção. Misek debate uma extensa filmografia contemporânea, principalmente os filmes produzidos por Hollywood, e localiza nesses exemplos diálogos com obras do passado. O autor leva em consideração também os seriados televisivos e seu estudo se amplia ao pensarmos a cor digital numa sociedade midiaticizada.

Tendo em vista o preto e branco como cor é que Paul Coates, da Universidade de Western Ontario, debate a estética do PB e do monocromático. Geralmente vistos a partir de um antagonismo à cor, o preto e branco se definem a guisa de seu “oponente”, estabelecendo dicotomias já muito utilizadas pelo cinema: realismo/fantasia, passado/presente, opressão/liberdade, etc. Coates localiza nessas relações binárias usos comuns do preto e branco em relação à cor, mas a riqueza de seu artigo está em afirmar o preto e branco e o monocromático como categorias estéticas que negam a simbologia expressa por essa binaridade. Assim, o autor avalia produções de Tarkovski, Lars Von Trier, Carl Dreyer, dentre outros.

O artigo de Lenice Barbosa, da École Doctorale Arts & Médias – Paris III-Sorbonne Nouvelle, apresenta as vicissitudes da cor no cinema experimental e no vídeo, fazendo uma ponte entre as imagens em movimento e a arte contemporânea. Lenice aborda a cor no Cinema Expandido, naquilo que ela chama de “efeito cor”. A autora utiliza conceitos como “afeição”, “sensação” e “percepção” temporal nas obras de artistas como Cécile Fontaine, Bill Viola e Jürgen Reble a partir de uma perspectiva que leva em consideração os estudos de Deleuze, Bergson e Bachelar.

Por fim, no panorama da pesquisa desenvolvida no Brasil, estão os estudos de Susana Dobal (Universidade de Brasília) e de Natália de Castro Soares (Universidade de São Paulo). Susana avalia as fronteiras do cinema e das artes visuais a partir da cor azul. A autora estabelece em seu estudo interdisciplinar uma comparação do azul nos filmes dos cineastas Krystof Kieslowski e Derek Jarman e nos quadros do artista plástico Yves Klein na tentativa de localizar em obras de suportes diversos uma simbologia que se torna recorrente. Natália Castro, por sua vez, coloca em evidência a cor no período do cinema silencioso. A pesquisadora correlaciona imagem em movimento, cor e som para estabelecer uma abordagem sinestésica. Tendo em vista os estudos cromáticos desenvolvidos durante o período do cinema silencioso, Natália apresenta um cabedal de referências científicas na correspondência entre cor e som e de tecnologias que tentaram fazer do cinema uma arte em cores.

Essas diferentes perspectivas presentes neste dossiê, apesar de díspares em seus horizontes e metodologias, confirmam a paulatina inserção da cor nos estudos cinematográficos e expressam a necessidade de encará-la dentro da análise fílmica. Pela natureza interdisciplinar do tema, este dossiê pode ficar, portanto, como um material a ser acessado não apenas pela comunidade acadêmica mas também um referencial para estudos e pesquisas de realizadores dos mais diversos âmbitos. Artistas visuais, fotógrafos, figurinistas, cenógrafos, arquitetos, dentre outros podem se beneficiar das pesquisas correntes, pois a cor, felizmente, não é uma exclusividade do cinema.

Laura Carvalho – Editora Dossiê Cor
lauracarvalhoarte.com